

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Pedro Henrique Rosário Silva Sales

**ETERNIDADE E TEMPO: UM COMENTÁRIO ACERCA DA METAFÍSICA DO TEMPO EM  
PLOTINO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Prof. Dr. Pedro Calixto Ferreira Filho.

Juiz de Fora  
2017

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **PEDRO HENRIQUE ROSÁRIO SILVA SALES**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **201373118A**, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **ETERNIDADE E TEMPO: UM COMENTÁRIO ACERCA DA METAFÍSICA DO TEMPO EM PLOTINO**, desenvolvido durante o período de **22 de Agosto de 2016 a 20 de Janeiro de 2017** sob a orientação de **PEDRO CALIXTO FERREIRA FILHO**, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**PEDRO HENRIQUE ROSÁRIO SILVA SALES**

# ETERNIDADE E TEMPO: UM COMENTÁRIO ACERCA DA METAFÍSICA DO TEMPO EM PLOTINO

Pedro Henrique Rosário Silva Sales<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo busca analisar no sétimo Tratado da Terceira *Enéada* do neoplatônico Plotino o conceito de tempo, abordando em um primeiro plano como o autor, ao retomar a opinião dos antigos, trabalha a questão do movimento em Platão e Aristóteles, para em seguida compreendermos como o filósofo constrói sua própria doutrina acerca do tempo, adequando a noção de movimento aristotélica à estrutura de mundo platônica, partindo do conceito de eternidade, intimamente relacionado à sua teoria metafísica das três Hipóstases que constituem o mundo: o Uno, o Nous (Intelecto) e a Alma. Proceder à análise da doutrina de Plotino é de importância fundamental não apenas pela riqueza e originalidade com que o autor aborda a questão do tempo mas também, e especialmente, por se tratar de uma abordagem divisora de águas, que se faz chave para a compreensão das teorias posteriores a dele, especialmente na filosofia de Santo Agostinho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tempo. Eternidade. Movimento. Hipóstases. Plotino.

## 1. INTRODUÇÃO

Questão sempre presente no nosso dia-a-dia, o tempo nos parece ter uma definição clara à medida em que observamos seu agir, mas se tomados pelo ímpeto do discurso, procurarmos defini-lo, perceberemos de imediato a dificuldade em nos aproximarmos do seu ser. O ímpeto em descobrir o ser do tempo é para muitos sinônimo de inquietação e tentativa de superação da nossa própria condição humana: somos seres temporais. Daí nos questionamos: *o que é o tempo?* Desde a antiguidade diversos filósofos se ocuparam do questionamento acerca do ser do tempo, tendo seu início especialmente com os Pitagóricos, com Platão e Aristóteles. Influenciado pelos gigantes que o antecederam, Plotino aborda a questão analisando as conclusões a que eles chegaram, e a partir daí constrói sua própria análise acerca do tema, trabalhando os conceitos de *movimento* e *eternidade*. Por isso o presente artigo trata de analisar a doutrina do tempo plotiniana, através de seu sétimo tratado da terceira *Eneada*<sup>2</sup>, intitulado *Sobre a Eternidade e o tempo*, para entendermos como o autor refuta a *opinião dos antigos* e ao mesmo passo constrói a sua própria busca pelo ser do tempo.

Antes de iniciarmos nossa investigação é preciso que estejamos atentos à complexidade do tema *tempo*, especialmente na filosofia plotiniana. Discípulo de Amônio Sacas, Plotino foi um filósofo neoplatônico nascido em 205 d.C em Licópolis, no Egito greco-romano. Sua filosofia é marcada pela teoria das Três Hipóstases que constituem o universo: *Uno*, *Intelecto (Nous)* e *Alma*, similar à visão de mundo platônica mas tendo o *Uno* como um *Supra Inteligível*<sup>3</sup>. Mas embora a doutrina plotiniana seja marcada pela platônica em alguns pontos, no tratado analisado o filósofo se vale, a título de refutação, da doutrina aristotélica e sua análise do tempo físico.

Então dividiremos nosso exame da obra supracitada em três partes: na primeira veremos a análise de Plotino sobre as doutrinas do tempo anteriores a ele, especialmente a de Aristóteles, e seu questionamento apontando como cada um deles a sua maneira tratou o tema partindo da relação entre tempo e movimento, e, mesmo afirmando que diferem-se entre si, para Plotino a distinção entre as duas coisas não parece clara o suficiente nem em Platão nem no estagirita. Já na segunda parte apreciaremos e analisaremos a definição de *eternidade* plotiniana, fortemente influenciada por Platão, e a sua ligação com o mundo inteligível (nous), o repouso e a unidade. Por fim, entraremos na definição de tempo do autor e a relação deste com a eternidade,

---

<sup>1</sup>Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: pedrosalesoueu@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Pedro Calixto Ferreira Filho.

<sup>2</sup> Plotino escreveu tratados que foram postumamente organizados por seu discípulo porfírio em sete obras intituladas Eneadas, cada uma contendo nove tratados.<sup>2</sup>

<sup>3</sup> Platão divide o universo em sensível e inteligível que podem ser comparados, na filosofia de Plotino, às atividades próprias da alma e intelecto respectivamente. O Uno está acima delas, é a partir dele que elas existem.

para, através desta análise, compreendermos como Plotino faz uma síntese entre o mundo sensível Aristotélico e o Inteligível Platônico ao elaborar sua visão original acerca do tempo se afastando da visão sensível, que o associa diretamente ao movimento, e mergulhando na essência do seu ente.

## 2. PLOTINO: ANÁLISE DA “OPINIÃO DOS ANTIGOS” E O CONFLITO COM ARISTÓTELES

Para construir sua própria doutrina acerca do tempo Plotino passa por uma crítica do que foi dito pelos Pitagóricos, por Platão e por Aristóteles, percebendo neles a forte ligação entre os conceitos de tempo e movimento, tão forte que tais pensadores não conseguiram desvincular precisamente um do outro, a ponto desses conceitos quase se confundirem. Ao analisar tais opiniões Plotino afirma que apesar de inextricavelmente relacionais, tempo e movimento são claramente duas coisas distintas, e, portanto, não se podem confundir. Plotino entende que é a partir do movimento que percebemos a existência e o passar do tempo, mas esta é uma relação entre dois seres distintos e que, logo, existem separadamente. Então, para o autor, a investigação deve partir da premissa de que o tempo não poderá ser nem o movimento, nem algo próprio do movimento e tampouco a coisa movida, como afirmaram os pensadores que o precedem.

No caminho desta investigação Plotino faz uma espécie de história da filosofia acerca do tempo e começa sua análise do que foi dito até os seus dias dividindo as teorias em três grupos:

Talvez devamos, num primeiro momento, dividir os enunciados acerca do tempo em três grupos. Pois se diz que o tempo, ou é o que é denominado movimento, ou se diz que é aquilo que é movido, ou algo do movimento; porque dizer que ele é o repouso, ou algo em repouso ou com algo do repouso muito distante da noção de tempo, que nunca é o mesmo. Mas dentre os que afirmaram que ele é o movimento, há os que diriam que ele é todo o movimento e aqueles, por sua vez, que é o movimento do universo; os que afirmam que é o que é movido, diriam que ele é a esfera do universo; e há ainda, dentre aqueles que dizem que é algo do movimento, os que diriam que é a extensão do movimento, os que dizem que é sua medida e aqueles que dizem genericamente que ele é o que acompanha o movimento; e, ainda, ou de todo movimento, ou do ordenado. (PLOTINO: 2006, p.649-650)<sup>4</sup>

Aos que dizem, como os estóicos, que o tempo é o movimento, Plotino refuta ao dizer que além de diferentes e inúmeros serem os movimentos, estes estão no tempo<sup>5</sup>. Prosseguindo com sua análise o filósofo observa que existem os movimentos contínuos, como o dos corpos celestes, e outros que cessam sem que com isso cesse o tempo. Em outras palavras, o que Plotino observa é que o movimento existe como um acompanhamento do tempo e não como uma determinação ou imagem deste. Outro argumento do autor é que, sendo inúmeros e diferentes, não poderíamos definir qual dos movimentos seria a unidade de medida comum do tempo, já que não há como saber qual seria o movimento regente afinal. Portanto, por se dar no tempo, o movimento deve ser algo diferente deste.

Quanto aos pitagóricos, que afirmam que o tempo seria então a coisa movida, o filósofo rapidamente refutará esta tese dizendo que, se o tempo não pode ser o movimento, tampouco poderá ser a coisa movida. E este argumento se faz claro para o filósofo pois só se pode afirmar que o tempo é a coisa movida, como o universo, porque este se move, e, como o próprio Plotino já afirmara anteriormente, o movimento não se pode identificar “pura e simplesmente” com o tempo. A respeito desta análise plotiniana acerca da não identidade entre tempo e movimento, explica José Reis em seu estudo sobre o tempo<sup>6</sup>:

Plotino divide as antigas doutrinas em três, que podem a grosso modo ser identificadas, respectivamente, com Platão, os pitagóricos e Aristóteles: o tempo é o movimento, a coisa movida ou um determinação do movimento. Não pode, aliás, ser o repouso ou algo de relativo a ele, acrescenta, porque o tempo implica mudança e não identidade. O que significa - não deixemos de o notar - que o tempo se liga efetivamente ao movimento, ainda que não a um qualquer. O princípio omnipresente, que está por baixo de toda a análise, é o de que o tempo e o movimento - sempre sensível este, porque

<sup>4</sup> Para estas e as outras citações de Plotino me vali da tese de doutorado em linguística de José Carlos Baracat Júnior, na qual o autor traduziu as *Enéadas* I, II, e III, além de apresentar relevante introdução acerca da vida e obra de Plotino.

<sup>5</sup> Cf. Aristóteles, *Física* VI 4. 235a 11.

<sup>6</sup> Para me auxiliar esta análise de um autor tão complexo e ainda pouco explorado como Plotino me vali da obra *O Tempo em Plotino*, de José Reis, uma das obras que integram seu estudo de determinados pensadores sobre o tempo, publicado na *Revista Filosófica de Coimbra* em 1997.

contraposto ao movimento da Alma que se identifica com o próprio tempo - são claramente duas coisas e portanto não se podem confundir. É certo que, em Aristóteles pelo menos, isto já era assim: o tempo era <<alguma coisa do movimento>>, mas não o <<próprio movimento>>. (REIS: 1997, p. 381-2)

Como acabamos de verificar, após refutar as ideias de que o tempo seria o movimento ou a coisa movida, o próximo passo de Plotino na análise das opiniões que o antecederam vai de encontro com a doutrina aristotélica: seria então o tempo uma propriedade do movimento? É neste ponto que o autor concentra a maior parte de seus esforços, se questionando sobre qual propriedade do movimento poderia ser o tempo. Para ele o tempo não pode ser nem extensão nem intervalo do movimento, como afirmou Aristóteles, pois isso implicaria no problema da diversidade dos movimentos e na impossibilidade de encontrar um que seja parâmetro universal e, ainda, essas propriedades dizem mais sobre a duração do movimento do que propriamente sobre o que é o tempo. Ou seja, a propriedade que mede o movimento tem mais a ver com o movimento em si do que com o tempo, apesar deste ser o parâmetro que possibilita esta medição. Plotino observa que para Aristóteles o tempo é a propriedade de medida do movimento segundo o anterior e o posterior e problematiza esta análise do estagirita:

Entretanto, ainda não está claro o que é isso que mede segundo o anterior e o posterior. Contudo, ao medir segundo o anterior e o posterior, seja com um ponto, seja com qualquer outra coisa, medirá inteiramente de acordo com o tempo. O tempo será, portanto, aquilo que mede o movimento pelo anterior e posterior, participando do tempo e tocando-o para medir. Pois o que toma anterioridade e posterioridade ou é espacial, como o começo de um braço, ou será necessário entendê-las temporalmente. Porque elas o são inteiramente, uma vez que o anterior é o tempo que cessa no agora, e o posterior, o tempo que começa a partir de agora. Portanto, o tempo é algo diferente do número que, segundo o anterior e o posterior, mede não apenas um movimento de qualquer tipo, mas também o ordenado. (PLOTINO: 2006, p. 658-9)

Para Plotino o anterior e o posterior são apenas divisões do tempo, como que suas partes, as quais dizem mais sobre sua duração e sua ação do que propriamente sobre a essência de seu ser. Portanto, o número que mensura o movimento se relaciona com o tempo mas ainda não é ele, tal número é na verdade a medida de uma parte do tempo. Além disso, o tempo não pode ser a medida utilizada para dimensionar determinado intervalo de tempo, para o filósofo, dizer isto, que o tempo é esta unidade de medida, seria o mesmo que afirmar que ele não existia até que fosse mensurado, enquanto, na verdade, o tempo possui existência anterior a qualquer uma de suas partes que tenha sido mensurada. Veja bem, estas são partes do tempo, e não é possível somá-las e chegarmos a um resultado final, como que na montagem de um quebra-cabeças, do que é o tempo. Aliás, tal medição se dá justamente tendo o tempo como parâmetro, o que ratifica sua existência *a priori* à sua quantificação.

Este ponto da análise de Plotino é importantíssimo para entendermos a doutrina do tempo do filósofo, já que é a partir desta dialética com Aristóteles que sua teoria acerca do tempo começa a ganhar contornos quando ele se questiona: *"Mas por que o tempo não existirá antes da alma mensurante? A menos que alguém diga que sua origem se encontra na alma"* (PLOTINO: 2006, p. 657)

Dito isto, passemos a análise do que é o tempo para Plotino partindo primeiramente do conceito de eternidade, da qual ele deriva, e nos aprofundando um pouco mais na metafísica do filósofo e sua concepção de mundo.

### 3. O CONCEITO DE ETERNIDADE E O INTELIGÍVEL PLOTINIANO

Antes de seguirmos para a análise do conceito de eternidade de Plotino precisamos compreender melhor sua teoria das três hipóstases que constituem o mundo por ser um ponto chave para compreendermos sua concepção de tempo. A cosmologia plotiniana divide o universo em três hipóstases: o uno, o nous (ou intelecto) e a alma. O Uno seria o ser mais perfeito, o princípio metafísico do qual tudo se originou e que possui sua existência independente de qualquer outra das hipóstases. O Uno é um ser tão perfeito que foi capaz de criar todo um universo ampliando sua própria natureza sem nada perder, por emanção. Resultado direto da emanção do Uno, o intelecto é a hipóstase que possui uma existência menos perfeita e se assemelha ao mundo inteligível platônico, a atividade do intelecto está em contemplar diretamente o Uno, o que faz da sua

existência mais próxima da perfeição e capaz de produzir a terceira hipóstase: a alma. Por ter sido produzida a partir da atividade do Nous a alma possui existência mais frágil e imperfeita, já que só consegue contemplar o uno através do intelecto. Esta hipóstase, da Alma, divide-se em duas: a hipóstase em si, gerada a partir do intelecto, e a alma mundo, regente e produtora do mundo sensível a partir da contemplação do intelecto.

A doutrina das três hipóstases de Plotino se faz útil para compreendermos melhor a concepção de tempo do autor pois, assim como Platão, para definir o que é o tempo o filósofo se refere à eternidade que é a sua imagem<sup>7</sup>. Se o tempo é a imagem móvel da eternidade o que seria então esta eternidade, o repouso? É aí que o filósofo aprofunda sua investigação ao dizer que a eternidade é própria do intelecto, sua segunda hipóstase, e, assim sendo, são eternos todos os seres que se encontram neste mundo inteligível que é o Nous. Sobre a eternidade Plotino assim nos diz:

Será, entretanto, que se deve dizer que a eternidade é conforme ao repouso lá (no domínio inteligível), assim como o tempo é conforme ao movimento aqui, como dizem? Com razão, porém, se investigaria se a eternidade, de acordo com o que se fala, é idêntica ao repouso ou, não ao repouso simplesmente, mas ao repouso que é próprio da essência. Pois, se ela for o mesmo que o repouso, então, em primeiro lugar, não diremos que o repouso é eterno, como tampouco que a eternidade é eterna: pois eterno é aquilo que participa da eternidade. Em seguida, como o movimento seria eterno? Pois, assim, também seria estático. E, ainda, como a noção de repouso inclui em si o sempre ser? Não me refiro ao sempre ser no tempo, mas àquele em que pensamos quando nos referimos ao perpétuo. Todavia, se a eternidade for o mesmo que o repouso da essência, novamente faremos os outros gêneros exteriores à eternidade. Depois, não devemos conceber a eternidade apenas em repouso, mas também em unidade; em seguida, devemos também concebê-la inextensa, para que não seja idêntica ao tempo. Mas o repouso, enquanto repouso, não contém em si nem a noção de unidade nem a de inextensão. De mais a mais, predicamos a eternidade da "permanência em unidade": portanto, ela participaria do repouso, mas não seria o repouso em si. (PLOTINO: 2006, p. 639)

Esta passagem é importante pois o que Plotino está por fazer é dissociar a eternidade da ideia de repouso, pois dizer isto seria equivalente a dizer que o tempo é a mesma coisa que o movimento. O autor concebe a eternidade como "permanência em unidade", a qual não pode ser dividida, e tal unidade tem primazia em relação à participação da ideia de eternidade no repouso. É fundamental percebermos que Plotino compreende a eternidade à partir dos gêneros platônicos do universo inteligível<sup>8</sup>, que seriam modos diferentes de enxergar um mesmo ser a partir de diferentes óticas: a essência deste ser, repouso, movimento, alteridade e identidade.

Deve-se dizer que é uma certa intelecção conforme à unidade, reunida porém a partir de uma multiplicidade, ou ainda que é uma natureza que, ou se segue aos seres de lá (do inteligível), ou coexiste com eles, ou é neles percebida, e que todos eles são essa natureza que, embora seja uma, é capaz de muitas coisas e é muitas coisas? E aquele que mira esse poder múltiplo com uma característica, a de ser um certo tipo de substrato, chama-a "essência"; logo, chama "movimento" a esse seu aspecto segundo o qual vê vida; em seguida, chama "repouso" ao seu aspecto que é absolutamente invariável; e "alteridade e identidade" por serem todas essas coisas juntas uma. E também, inversamente, recompondo-as em uma unidade, de modo a ser uma só vida, concentrando a diferença que nelas existe e a incessabilidade de sua atividade e sua identidade, que jamais é outra e que não é uma intelecção ou uma vida advinda de uma coisa para a outra, mas o invariável e sempre inextenso: vendo-se todas essas coisas, vê-se a eternidade, porque se vê uma vida que permanece em identidade por possuir sempre presente sua totalidade, não uma parte agora e outro depois, mas todas as coisas de uma só vez[...] Resta, enfim, que seu ser consiste em ser isso mesmo que é. Aquilo que não era, nem será, mas somente é, fixo, possuindo o ser por não mudar para o "será" nem haver mudado, isso é a eternidade. (PLOTINO: 2006, p. 640-1)

Ora, o que caracteriza então a eternidade é o fato dela não estar sujeita a nenhum porvir, não existe nela potencialidade, algo que possa vir a ser. A eternidade "é o que já é", e por isso é diferente do tempo, e também do movimento. E assim também o é o inteligível ,nous, nele todas as coisas estão ao mesmo tempo, não de modo que uma parte exista antes da outra, mas simultaneamente, nele nada existiu ou existirá, simplesmente existe. Assim como se relaciona com o repouso a eternidade também se identifica com o mundo

<sup>7</sup> No Capítulo X do Dialogo Timeu, Platão se refere ao tempo como "a imagem móvel da eternidade imóvel".

<sup>8</sup> Estes cinco grandes gêneros de Platão se encontram no diálogo Sofista.

inteligível, mas não podemos confundir o conceito de eternidade com o repouso ou o "próprio ser inteligível", como nos alerta Reis:

Derivando dela o tempo a questão inicial é naturalmente a de saber se a eternidade se identifica quer com o <<ser inteligível>> quer com o <<repouso>>. É preciso antes de tudo perguntar se ela é o próprio ser inteligível, porque <<ambos são augustos>> e porque ambos <<contem as mesmas coisas>>, ou seja, são de igual extensão lógica.[...] Porque não há nenhuma dúvida de que não se pode fazer tal identificação. Fazê-la <<seria o mesmo que, paralelamente, identificar o tempo com a esfera do universo>>, uma das impossibilidades que observamos. Não, a eternidade não é o próprio ser inteligível, mas apenas um seu atributo. Do mesmo modo que também não é o repouso. Decerto ela, enquanto tal, não permite o movimento e, por aí, é de algum modo repouso. Mas não se podem pura e simplesmente identificar. Tal como o movimento sensível não é senão um derivado do verdadeiro tempo – o movimento da alma – assim também o repouso não é a eternidade mas apenas uma sua consequência. Se ela fosse o próprio repouso, não poderíamos agora ter um <<movimento eterno>>, posto que tal movimento seria antes o <<parado>> ou <<morto>>. (REIS: 1997, p. 388-9)

É justamente o abandono dessa vida “que já é” existente no inteligível que dará origem ao tempo. Quando a alma se move em direção a um outro tempo, ao porvir, ela engendra no mundo sensível o tempo, como veremos a seguir.

#### 4. O TEMPO: MOVIMENTO DA ALMA

Como vimos até aqui, é partindo da ideia de eternidade que Plotino trabalha seu conceito de tempo. Agora entraremos mais a fundo no processo em que o autor explica esta relação. Antes devemos nos atentar para o fato de que, por ser imagem da eternidade, o tempo tem existência posterior a ela, não em sentido temporal mas em termos ontológicos e naturais, visto que, uma imagem pressupõe a existência daquilo a que imita. Então, como para Plotino, a eternidade é própria do mundo inteligível o tempo seria, por conseguinte, uma sua imagem móvel. Mas como se origina então esta imagem? A resposta que o filósofo nos dá é que a queda da alma, que estava em repouso no mundo inteligível, é que dá início a este processo. O autor considera como uma queda pois a alma é gerada pela hipóstase do intelecto (Nous) e, portanto, era eterna como tudo lá, mas havia nela a falta, uma inquietude e isto fez com que ela se lançasse em direção ao novo. Sendo a alma a hipostase mais distante do uno, e assim menos perfeita, ela não possui em si os inteligíveis e por isso tem de consultar frequentemente ao intelecto que a gerou para assim, como que por imitação, reproduzir no mundo sensível as formas que contemplou no intelecto. Este movimento na alma, de consultar ao intelecto e voltar-se à realidade sensível para criar, é o que fundamenta o tempo para Plotino.

[...] talvez fosse possível perguntar ao próprio tempo que se originou como ele apareceu e nasceu. E ele diria sobre si mesmo algo assim: que antes, antes mesmo de engendrar esse antes e carecer do depois, repousava consigo mesmo no ente, não sendo tempo, mas também ele se encontrava em quietude na eternidade. Mas, como havia uma natureza inquieta, desejosa de governar a si mesma e ser de si mesma e que escolheu procurar mais do que o presente, ela então se moveu, e se moveu também o tempo, e visto que nos movemos sempre em direção ao depois e ao posterior e ao não idêntico, mas outro e então outro, fazendo um pouco longo nosso caminho, fabricamos o tempo como imagem da eternidade. (PLOTINO: 2006, p. 659)

Esta natureza inquieta desejosa de governar a si mesma era a alma, que foi gerada pelo intelecto e a partir de então criou o tempo em si mesma, originado de sua própria atividade vital<sup>9</sup>, o movimento de contemplação do intelecto, que por consequência temporalizou também toda a criação da alma, como o mundo sensível e a esfera do universo. Como já havíamos visto anteriormente, no intelecto nada estava sujeito ao porvir, e é exatamente isto que muda quando a hipóstase da alma é gerada pelo intelecto, pois o movimento de contemplação desta cria dois momentos distintos, o antes e o depois. Quando se volta para cima a alma contempla o inteligível e tudo o que há nele, ao se voltar para baixo ela cria no mundo sensível cópias imperfeitas, e posteriores, dos inteligíveis que contemplou.

[...] a alma imita o inteligível ao produzir um cosmos sensível que se move com um movimento que não é o de lá, desejando no entanto ser não só semelhante ao de lá, mas também sua imagem, e

<sup>9</sup> Plotino enxerga como vida a atividade própria de cada uma das hipóstases.

então primeiramente temporalizou a si mesma ao produzir o tempo em vez da eternidade; depois, submeteu o cosmos à escravidão do tempo originado, porque fez todas as coisas existirem no tempo e nele circunscreveu todos os caminhos do cosmos; pois, uma vez que este universo se encontra na alma – visto não haver outro lugar além dela para este universo –, ele também se movia no tempo dela. Pois apresentando uma atividade após a outra e então outra sucessivamente, ela engendrou com sua atividade a sucessão, e progredia com outro pensamento depois daquele que ainda não existia, porque nem o pensamento tinha sido efetivado nem sua vida de agora é semelhante à anterior. (PLOTINO: 2006, p. 659 - 660)

Mas o movimento da alma ainda não é o tempo sensível, que os 'antigos' refutados por Plotino ligaram ao movimento, este é apenas o tempo da alma, o tempo a que ela própria se sujeitou. O tempo sensível se dá, pois, assim como a própria alma se condicionou ao tempo, tudo o que ela cria também o será. Produto da criação da alma, a esfera celeste pode ser utilizada, através de seu movimento, para medir o tempo. Sobre a dimensão sensível do movimento da alma e o incessável passar do tempo diz Reis:

A mesma alma que, depois de se voltar para cima, se volta para baixo e refracta os inteligíveis no espaço, refracta agora também no tempo (tempo espacial: diferente do anterior puro tempo) a eternidade da vida que lhes é própria. (REIS: 1997, p. 403)

O tempo é marcado, especialmente, pelo tempo futuro, uma vez que é a necessidade da alma de suprir sua inquietude que a guia para um outro tempo, que a movimenta em direção ao posterior. Ao se mover a alma cria realidade e movimento materiais. Caso o tempo só existisse na dimensão da alma e não fosse refletido na realidade material e espacial seríamos capazes de observá-lo apenas pela memória e não pela extensão do movimento no espaço, através da qual conseguimos tomar uma medida deste tempo:

Este, assim, o tempo próprio do universo sensível. Que naturalmente, enquanto tempo, não é diferente do da Alma na sua contemplação do Inteligível. Dando-se de resto ambos ao mesmo tempo, a única diferença é que ele, passando-se agora no espaço ou simultaneidade, não é só sucessão mas sucessão na simultaneidade. O que significa que pode agora encontrar-se algo que permanece, onde se pode medir com actualidade e por aí com exactidão determinado movimento local e deste modo o tempo. (REIS: 1997, p. 404)

O brilhantismo de Plotino está exatamente na construção de um sistema que fecha, ou ao menos possui essa pretensão, todas as pontas do raciocínio, ao passo que chegado neste ponto da análise Plotino dá conta do porquê dos filósofos que o antecederam associarem o tempo ao movimento e dele não conseguirem dissociar. Plotino faz essa separação com tanta clareza, quanto originalidade, ao mostrar que o tempo se associa à medida do movimento "acidentalmente", como ele mesmo diz. Uma vez que o movimento sensível se dá na alma, e a própria alma se sujeitou ao tempo quando decaiu da eternidade inteligível, logo, o movimento se dá no tempo e por poder ser medido pela passagem dele serve para medi-lo, como que à contraprova. É assim que Plotino encerra seu tratado "*Sobre a eternidade e o tempo*":

Logo, o corpo que é movido por certo tempo remontará a um movimento da mesma duração - pois este é sua causa – e em seu tempo, e este movimento, ao movimento da alma, o qual é dividido em partes iguais. E o movimento da alma, a que remontará? Pois aquilo ao qual se deseja remontar já é inextenso. Portanto, esse é o movimento que existe primariamente e em que estão os outros; todavia, ele mesmo já não está em nada, pois não o teria. E o mesmo acontece com a alma do universo. Então, o tempo está em nós também? Sim, ele está em toda alma dessa espécie, e da mesma forma em todas, e todas são uma só. Por isso o tempo não será aniquilado: porque também não o será a eternidade, que, de um modo diferente, está em todos os seres de sua espécie. (PLOTINO: 2006, p. 667-8)

Para finalizar é importante não deixarmos de notar que o tempo sensível então é reflexo do que acontece na alma, o mundo não possui um movimento e um tempo em si, estes são atributos engendrados nele pela alma. Portanto, caso cesse o movimento de contemplação da alma, cessarão também os movimentos e o tempo sensível.

## 5. CONCLUSÃO



Ao fim desta análise do sétimo Tratado da Terceira *Enéada*, “*Sobre a eternidade e o tempo*”, fica clara a relevância do pensamento de Plotino no estudo do tempo. Ao retomar os pensamentos anteriores ao seu acerca da mesma temática, o filósofo faz uma análise refletida com o intuito de, ao não tomar para si, sem nenhum questionamento e reflexão, as concepções alheias, construir sua própria doutrina acerca do tempo. Ao passo que se dissocia e nega as opiniões dos antigos, o filósofo cria o seu próprio caminho investigativo. Mas nem só de confrontos se dá esta relação com as doutrinas anteriores, pois, se por um lado Plotino refutará a noção aristotélica de que o tempo é a medida do movimento, por outro, concorda com Platão ao dizer que o tempo seria então uma imagem em movimento da noção de eternidade pertencente ao mundo inteligível.

Outro ponto interessante a ser ressaltado é que ao se chocar com a posição de Aristóteles e negar o tempo como medida do movimento, Plotino compreende que o erro da análise do estagirita está em pensar o tempo dentro do mundo sensível. A solução plotiniana para a questão do tempo nos mostra que, ao invés de ser uma propriedade do movimento, como pensou Aristóteles, é o movimento que seria uma espécie de propriedade do tempo, mas em função de um movimento maior e anterior ao sensível: o movimento da alma.

Portanto, podemos dizer que o tempo se relaciona com o movimento de tal modo que com um, meça-se o outro, mas a propriedade do tempo pertence à alma, e ao movimento a que ela mesma se submeteu e consequentemente submeteu o mundo sensível. A questão que fica, a saber, é que ainda assim o tempo estaria ligado ao movimento, mesmo que não ao movimento sensível, mas ao da alma. Fato é que a própria noção de movimento deve ser mais explorada dentro do pensamento de Plotino.

## REFERENCIAS

ARISTOTELES. **Física**; Traducción Y Notas: Guillermo R. De Echandía, Libro IV. Planeta de Agostini, 1995. Disponível em:

<http://bz.otsoa.net/Libros%20de%20Divulgacion%20Cientifica/Historicos%20de%20Ciencia/Aristoteles%20-%20Fisica.pdf>.

REIS, José. **Estudo Sobre o Tempo**. Revista Filosófica de Coimbra - n.º 9, 1996. Disponível em:

[https://www.uc.pt/fluc/dfci/public/publicacoes/sobre\\_o\\_tempo](https://www.uc.pt/fluc/dfci/public/publicacoes/sobre_o_tempo)

PLOTINO, **Enéadas I, II e III** - Porfírio, Vida de Plotino: introdução, tradução e notas | José Carlos Baracat Júnior\_ --Campinas, SP: [s.n.], 2006. Disponível em :

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=vtls000390053>